

Almeida Nogueira, não havia ali mais que três tipografias: a Dois de Dezembro, de Antônio Lousada Antunes, instalada no próprio palácio do governo, no pátio do Colégio, mais tarde à rua das Flores, 35; a Literária, à rua do Ouvidor, esquina de São Bento, depois à rua do Imperador, 12; e a Imparcial, à rua do Ouvidor, onde eram impressos três jornais e duas revistas. Em 1850, o alemão U. Knosel abriu pequena oficina de encadernação, depois comprada e ampliada por Jorge Sekler. Os livreiros eram também poucos: Bernardo José Torres de Oliveira, instalado à rua da Imperatriz; Gustavo Gravesnes, à Rua São Bento; e José Fernandes de Sousa, o *Pândega*, vendendo todos quase somente livros de Direito, os praxistas portugueses. Em 1849, Álvares de Azevedo pedia a amigos do Rio que lhe enviassem dois livros, o *Démocratie en France*, de Guizot, e *Rafael*, de Lamartine. Em 1860, com casa modesta, apareceu a loja de Anatole Garraux⁽¹¹⁹⁾.

S. Paulo era uma aldeia grande, apesar de tudo: a planta do centro da cidade, que a Câmara mandou fazer, em 1854, indica os seus estreitos limites, a antiga rua da Constituição, depois Florêncio de Abreu, a rua das Freiras, depois Senador Feijó, a descida do Açú, ora ladeira de S. João, e o largo do Palácio. Além desses limites, estavam as chácaras, várzeas e campos. À noite, a escuridão era absoluta; os combustores a querosene mal bruxoleavam, distanciados uns dos outros. Ali viviam cerca de 20 000 pessoas, em razoável parte atraídas, então, pelo teatro, que despertava partidos, com os dramalhões românticos do tipo das *Ruínas de Babilônia*, *O Peregrino Branco*, *O Sonho* ou *O Terrível Fim do Usurpador*, a *Família Morel* (extraído dos *Mistérios de Paris*). Começava, na época, a *conciliação*, as lutas partidárias arrefeciam ou cessavam, a imprensa política ia desaparecendo, despojada de motivos. Em São Paulo, apenas *O Ipiranga* mantinha a bandeira liberal: aparecera em 1849, esmagada a *Praieira*, fundado por Rafael Tobias, dirigido por Silva Carrão. A fase pertencia às revistas de sociedades e de estudantes.

Num meio com essas características é que surgiu o *Correio Paulistano*,

1872, foi sobretudo um burgo de estudantes. Esse foi o seu caráter mais acentuado, a condição de que derivaram os aspectos mais característicos e mais destacados de sua existência nessa fase de sua história. Foi a Academia de Direito que principalmente arrancou a capital da província do seu sono colonial e foi a presença dos estudantes — observou Morse — que criou condições para que se inserissem em sua existência, alterando-lhe a estrutura e os costumes tradicionais, os hotéis, as casas de diversão, o teatro e as atividades intelectuais". (Ernani da Silva Bruno: *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, 3 vols., Rio, 1953, pág. 454, II).

(119) "Essa modesta quitanda, dirigida por Monsieur Anatole Garraux, era o ovo de onde tinha de sair a grande e suntuosa Casa Garraux, que se instalou definitivamente em 1860, como filial da Livraria da Casa Imperial, do Rio de Janeiro". (Ernani da Silva Bruno: op. cit., pág. 846, II).